

DOI 10.20396/rap.v16i1.8663913

**ARQUEOLOGIA DE GÊNERO E O ESTUDO DAS MULHERES ROMANAS:  
PERSPECTIVAS A PARTIR DAS PINTURAS DE POMPEIA**

*Gabriela Isbaes<sup>1</sup>*

**RESUMO**

A Arqueologia de Gênero se consolidou como campo de estudo no século XX, em meio às ações feministas que atingiam as ciências humanas, bem como pelo desenvolvimento da corrente pós-processualista na Arqueologia. A partir do estudo das fontes arqueológicas dentro dessas perspectivas, compreendeu-se que as subjetividades femininas foram diversas ao longo do tempo, e que nem sempre houve aceitação passiva à lógica patriarcal, argumento até então ditado pelas correntes científicas modernas. Destaca-se a importância da cultura material para a construção dos saberes sobre as mulheres romanas, haja vista que as pesquisas clássicas se mantiveram, por muito tempo, permeadas por perspectivas masculinizantes. Para tanto, é trazida uma seleção de pinturas parietais da cidade de Pompeia, as quais demonstram papéis e vivências desenvolvidos pelas mulheres romanas que se desvinculam de uma leitura estritamente patriarcal da antiguidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arqueologia de gênero. Pompéia. Pinturas Parietais. Mulheres. Roma antiga.

**ABSTRACT**

Gender Archaeology was consolidated as a field of study in the 20<sup>th</sup> century, between feminist actions that dialogue with the human sciences, as well by the development of the post-processual current in Archaeology. From the study of archaeological sources within these perspectives, it was understood that female subjectivities were diverse over time, and that there was not always passive acceptance of patriarchal logic, an argument dictated by modern science. The importance of material culture for the construction of knowledge about Roman women is highlighted, given that classical studies have, for a long time, been permeated by masculinizing perspectives. Therefore, a selection of parietal paintings from the roman city of Pompeii is showed, which demonstrate roles and experiences developed by Roman women who disengage themselves from a strictly patriarchal reading of antiquity.

**KEYWORDS:** Gender archaeology. Pompeii. Parietal paintings. Women. Ancient Rome.

<sup>1</sup> Mestranda em História Cultural, IFCH/ Campinas

## RESUMEN

La arqueología del género se consolidó en el siglo XX, en medio de las acciones feministas que alcanzaban las ciencias humanas, así como por el desarrollo de la corriente de estudios pos procesualista en la Arqueología. A partir del estudio de las fuentes arqueológicas en diálogo con estas perspectivas, se entendió que las subjetividades femeninas fueron diversas a lo largo del tiempo, y que ni siempre hubo una aceptación pasiva de la lógica patriarcal, argumento hasta entonces defendido por las corrientes de estudio modernas. Destaca-se la importancia de la cultura material para la construcción del conocimiento acerca de las mujeres romanas, puesto que los estudios clásicos estuvieron, por mucho tiempo, cercados por perspectivas masculinas. Por tanto, se trata de una selección de pinturas parietales de la ciudad de Pompeya, que demuestran experiencias de las mujeres romanas que se desvinculan de una lectura estrictamente patriarcal de la antigüedad.

**PALABRAS-CLAVE:** Arqueología del género. Pompeya. Pinturas Parietales. Mujeres. Roma antigua.

## INTRODUÇÃO

Seja em filmes, livros didáticos, documentários, entre outras produções que atingem o grande público, na maioria dos casos, a visão que se passa sobre as mulheres na antigüidade deixa a sensação de que estas viviam confinadas no espaço de suas casas, desenvolvendo funções ligadas ao cuidado, aos afazeres domésticos e à maternidade, sem desempenhar papel de relevância fora desse ambiente. Tal imagem foi propagada a partir da modernidade, no século XIX, momento no qual se deu a institucionalização de diversas disciplinas relacionadas às ciências humanas, como a História e a Arqueologia, e que imperava um modelo de produção do conhecimento pautado em bases racionais e masculinizantes. As fontes escritas eram as únicas tomadas como confiáveis para elaborar as narrativas sobre o passado e, por serem, em sua maioria, redigidas por homens, refletiam uma visão de mundo, em muitos casos, patriarcal. Além disso, a academia era um espaço restrito à presença masculina, de modo que os estudos não colocavam as mulheres como personagens de relevância (COLLIN, 2009, p. 63).

O momento e o local nos quais as narrativas históricas são produzidas influenciam na escolha dos enfoques de pesquisa, assim, construiu-se, na modernidade, uma visão parcial das vivências e subjetividades femininas, a qual reforçou estereótipos de gênero durante décadas. Portanto, Lourdes Feitosa (2005) e Marina Cavicchioli (2015) afirmam que até meados do século XX, no que concerne às mulheres antigas, estas eram abordadas nas

pesquisas de forma indireta, apenas por conta de sua relação com assuntos que eram de interesse para os homens.

Entretanto, a partir da década de 1960, sobretudo no cenário ocidental, é presenciada uma onda de movimentos sociais e políticos que influenciam no âmbito acadêmico e impõem às ciências humanas revisões em suas bases teórico metodológicas. Ressalto aqui a difusão das e teorias do movimento feminista que, com suas diversas frentes de atuação, levaram reflexões sobre a omissão das mulheres como profissionais na academia, bem como personagens presentes nas narrativas historiográficas (FEITOSA, 2014, p. 243; CAVICCHIOLI, 2014, p. 266). A partir desses movimentos, ideias nacionalistas, misóginas e imperialistas, que até então haviam mantido sua predominância como pauta de estudo na Arqueologia e na História, passam a receber críticas e a verem as suas bases se desestabilizarem (FUNARI; SILVA, 2008, p. 84).

A ampliação de enfoques impulsionada no século XX propiciou que as mulheres se tornassem objeto de estudo nas ciências humanas, o que levou à compreensão de que, ao longo do tempo, estas nunca deixaram de buscar e receber destaque nos ambientes nos quais viviam. Ademais, a aceitação da utilização de fontes diversificadas, como as fontes materiais, bem como a reinterpretção das literárias, aliadas a perspectivas historiográficas que dialogavam com as epistemologias feministas e de gênero, permitiu a construção de leituras mais abrangentes sobre as mulheres da antiguidade, bem como dos demais períodos da história (BROWN, 1993, p. 13).

A partir de então, as fontes arqueológicas trarão uma pluralidade de interpretações sobre a vida das mulheres, o que culminou na elaboração do campo de estudos da Arqueologia de Gênero. Como afirma Pedro Paulo Funari (1995, p. 181), no caso da antiguidade, lápides funerárias, objetos cotidianos, grafites e pinturas parietais, elementos que podem ser encontrados no sítio arqueológico de Pompeia, permitem visualizar representações das vidas das mulheres antigas em cenários diversos e perceber a sua participação em atividades cotidianas, sociais, religiosas e políticas.

É recente a aceitação das pinturas como objeto de estudo pelos arqueólogos clássicos, que até então as colocavam como pertencentes apenas à esfera artística. Mais recente ainda é a interpretação desses materiais com base nas teorias de gênero (BROWN,

1997, p. 18). Portanto, o artigo, a fim de auxiliar no desenvolvimento dos estudos na área, apresenta algumas pinturas encontradas em Pompeia e que trazem representações de figuras femininas em afazeres e contextos que contestem as informações de senso comum sobre elas.

Ademais, é apresentada uma discussão sobre a inserção dos debates de gênero na Arqueologia e de como os classicistas receberam tais pautas. A importância das pesquisas de gênero para o estudo da cultura material também é destacada, assim como as possibilidades trazidas a partir da intersecção entre as duas áreas.

## **A ARQUEOLOGIA DE GÊNERO EM DIÁLOGO COM OS CLÁSSICOS**

O interesse pelos artefatos materiais do mundo antigo tem início durante o Renascimento, no século XVI, quando monarcas, colecionadores e antiquários, buscavam objetos artísticos do período para que estes compusessem seus acervos particulares. Para tanto, financiavam escavações informais em áreas promissoras, com o intuito de encontrar materiais que fossem de seu interesse, como estátuas, pinturas e elementos arquitetônicos e decorativos. É por meio dessas iniciativas que as primeiras bases para a formação do campo de estudos da Arqueologia são moldadas (FUNARI; GRILLO, 2015, p. 43-44).

Contudo, é apenas no decorrer do século XVIII, quando são encontradas as ruínas das cidades romanas de Herculano e Pompéia, soterradas pela erupção do vulcão Vesúvio no ano 79 d.C., que surge a necessidade de regulamentar a profissão de arqueólogo. As casas, edifícios e os objetos cotidianos e artísticos oriundos dessas localidades, chamaram a atenção dos curiosos e estudiosos da antiguidade por conta de seu bom estado de conservação. Nesse sentido, foi preciso aprimorar as técnicas de preservação e escavação para a exploração dos sítios sem que houvesse danos aos materiais nele encontrados. Para tanto, era necessário a atuação de um profissional capacitado, que poderia atuar dentro de um campo de estudos especializado, o da Arqueologia (FUNARI; GRILLO, 2015, p. 27; 59; 68).

Dessa maneira, pode-se afirmar que a Arqueologia tem suas origens na busca e no estudo dos objetos do período clássico, de modo que a disciplina tem uma longa tradição

em realizar pesquisas sobre a antiguidade. Entretanto, nesse momento as fontes arqueológicas eram utilizadas, em grande parte dos casos, apenas para delinear padrões estéticos e artísticos, buscar informações sobre povos ágrafos, ou confirmar dados retirados de fontes escritas (FUNARI; CAVICCHIOLI, 2005, p. 112).

Apesar dos primeiros passos para a institucionalização da Arqueologia terem sido dados no século XVIII, ela ocorreu apenas no século posterior, em um momento no qual os ideais positivistas eram empregados em grande parte dos estudos desenvolvidos nas instituições de pesquisa (ZARANKIN, 2014, p. 361). Por conta disso, vieses androcêntricos estiveram presentes nas bases fundadoras da disciplina, o que fez com que os interesses dos arqueólogos se voltassem a temas e eventos dominados pela presença masculina, como a política, a economia e as guerras (SPENCER-WOOD, 2006, p. 298-299; REVELL, 2010, p. 01). Nessa linha, os sujeitos eram representados na figura padronizada e universal do homem branco, de elite e europeu, de modo que as mulheres eram deixadas de lado nas narrativas históricas, bem como não atuavam como profissionais nos espaços nos quais ocorria a produção do conhecimento.

Esse enfoque tende a mudar a partir da segunda metade do século XX, quando o fracasso da ciência moderna e iluminista se torna evidente, posto que o cenário pós-guerra instaura novas dinâmicas políticas, econômicas, sociais e culturais no ocidente. A violência, os imperialismos e as formas de segregação presenciadas até então, são criticados e combatidos, ao passo que os indivíduos passam a requisitar uma renovação das formas de lidar com o seu passado, cedendo espaço às interpretações com enfoque culturalista, que envolvem múltiplos personagens, temáticas e fontes (FUNARI; SILVA, 2008, p. 61; 84).

Um dos movimentos de maior proeminência são os feminismos, que, mesmo tendo iniciado sua trajetória com as sufragistas do final do século XIX e início do XX, despontam nesse cenário após a publicação da obra de Simone de Beauvoir, “O segundo sexo”, em 1949. A partir de seu trabalho, a autora impulsiona as pautas debatidas pela chamada segunda onda feminista e lança às ciências humanas discussões sobre a construção social, cultural e individual do gênero feminino, ao proclamar a sua célebre frase “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967, p. 09). A importância da segunda onda se insere no fato de que, anteriormente a ela, não havia espaço relevante nas ciências humanas para o desenvolvimento de discussões que tratassem das mulheres. Desse modo,

as suas reivindicações inserem as mulheres no espaço acadêmico, bem como fomentam a terceira fase de expressão dos feminismos, que atinge de forma mais direta as discussões na Arqueologia (BÉLO, 2018, p. 33; SILVA, 2019, p. 09-10; 16).

A terceira onda feminista entra em curso por volta das décadas de 1970 e 1980 e se configura como um dos principais pontos de partida para o desenvolvimento de uma teoria feminista e de gênero nas ciências humanas. A partir de então, as pesquisas se voltaram a demonstrar como os sistemas e as relações de poder ao longo do tempo desencadearam estratégias de opressão às mulheres. Ademais, as formas de resistência e atuação das personagens femininas nesses meios passarão a ser destacadas (SCOTT, 1992, p. 64; 76; BUTLER, 2003, p. 19).

Mesmo com a relevância dessa fase dos estudos feministas, algumas críticas recaíram sobre ela, uma vez que os pesquisadores trabalhavam com a categoria “mulher” no singular. O uso do termo sem o plural, assim como as ideias que o acompanhavam, construía uma imagem das mulheres como possuidoras de identidades padronizadas, que apresentavam sempre os mesmos comportamentos e desempenhavam os mesmos papéis ao longo do tempo e espaço (PERROT, 2009, p. 113; SILVA, 2019, p. 26).

Em busca de uma abordagem que ampliasse os enfoques e contemplasse os indivíduos em suas pluralidades, a partir da década de 1980 os estudos sobre as mulheres passaram a dialogar também com as teorias de gênero. Esse conceito é empregado em oposição ao sexo que, em geral, é relacionado ao que nos é natural, biológico. Assim, compreende-se o gênero como os efeitos que a sociedade produz nos corpos e nos comportamentos destes, os quais determinam identidades, diferenciadas por diversos fatores, como classe, etnia, idade, temporalidade, entre outros (SCOTT, 1992, p. 86-87).

A Arqueologia insere as discussões sobre as mulheres em suas pesquisas em meio às revisões ocorridas neste momento, as quais atingem a disciplina e empreendem críticas às suas bases tradicionais. Entretanto, de início, alguns grupos de profissionais tentaram barrar a inserção das pautas feministas na disciplina, ou as viam com ressalvas, ao alegarem que tal enfoque traria um viés demasiado político para a área. Diante disso, a solução foi se amparar nos debates de gênero, tendo em vista que estes versam sobre as

relações entre homens e mulheres, o que dava a impressão de ser mais abrangente e menos politizado (BROWN, 1993, p. 239; DÍAZ-ANDREU, 2019, p. 50).

A partir de então, o diálogo com as epistemologias de gênero na disciplina culminou na elaboração do campo de estudos da Arqueologia de Gênero, que teve pioneirismo no cenário europeu e norte-americano, mas que agora expande suas ramificações para espaços acadêmicos de todo o mundo (FALCÓ MARTÍ, 2003, p. 153). Os primeiros estudos desse campo se voltaram a criticar as visões patriarcais e dicotômicas presentes nas pesquisas desenvolvidas até então. Assim, permitiram a revisão das informações construídas sobre as mulheres do passado, concedendo voz a estas e espaço para a consolidação de pesquisas que as colocam como agentes ativas nas mais variadas sociedades, a partir da análise da cultura material (SPENCER-WOOD, 2006, p. 303-304).

A obra de Margaret Conkey e Janet Spector, lançada em 1984 e intitulada “*Archaeology and the study of gender*”, é apontada como uma das pioneiras na inserção do gênero no vocabulário arqueológico. O livro criticava o androcentrismo presente na disciplina e destacava que os primeiros estudos na Arqueologia que se propuseram a discutir as personagens femininas, o faziam ainda ressaltando estereótipos de gênero, ao empreender pesquisas sobre hábitos domésticos e estéticos, por exemplo. Assim, Conkey e Spector requeriam a ampliação dos temas e enfoques nas pesquisas, bem como na participação das mulheres como arqueólogas (CULLEN, 1996, p. 409; SØRENSEN, 2000, p. 28; DÍAZ-ANDREU, 2019, p. 50).

Margarita Díaz-Andreu (2019, p. 51) e Marie Louise Sørensen (2000, p. 29), apesar de reconhecerem esse apoio dos feminismos para a elaboração da Arqueologia de Gênero, compreendem que a corrente de estudos pós-processualista foi a responsável por consolidar as discussões de gênero na Arqueologia. A crítica feminista foi importante no sentido de fomentar a busca por objetos materiais que reconhecessem a participação das mulheres em cenários diversos, bem como criticava a universalização dos sujeitos. Entretanto, os pós-processualistas, a partir da década de 1980, em consonância com as discussões que perpassam e remodelaram as teorias ligadas às ciências humanas, cedem espaço para uma abordagem culturalista na Arqueologia. Esta se preocupa em compreender a multiplicidade de gêneros e identidades, bem como os papéis ativos dos

indivíduos, os quais moldam subjetividades diversas ao longo do tempo (CULLEN, 1996, p. 410; BRUMFIEL, 2006, p. 45; SPENCER-WOOD, 2006, p. 311).

A abordagem pós-processual também finda a ideia de que as informações constituídas sobre passado devem ser tomadas como verdade, a partir de análises objetivas dos materiais. As perspectivas trazidas por essa corrente reivindicam a formulação de explicações diversas sobre o passado e seus indivíduos, compreendendo o teor subjetivo que essas interpretações carregam, influenciadas por fatores sociais, culturais, políticos e pelos próprios propósitos do pesquisador (ZARANKIN, 2014, p. 353; 357).

Portanto, a abordagem de gênero atrelada à Arqueologia se mostra fundamental para a visualização da presença dos gêneros em um determinado ambiente sociocultural, com análises voltadas às relações dos indivíduos com os elementos constituintes da cultura material, as quais auxiliam na construção das dinâmicas históricas (SØRENSEN, 2006; DÍAZ-ANDREU, 2019). Ademais, compreende as mulheres como agentes ativas, que impulsionam o funcionamento e a formulação das sociedades, e que no decorrer do tempo construíram identidades complexas e resistiram às imposições patriarcais de formas variadas (BROWN, 1993, p. 257).

Mesmo com as discussões na Arqueologia e na História que versavam sobre as relações de gênero, os estudos sobre o mundo antigo se mantiveram, até o final do século XX, pouco inseridos nessas pautas. Dentre os entraves para o diálogo entre tais áreas, pode-se citar a tradicionalidade dos classicistas em trabalhar com a literatura e a linguística, campos que, dominados por textos escritos por homens, analisados sob um viés despolitizado e androcêntrico, barravam o desenvolvimento das discussões feministas e de gênero (RABINOWITZ, 1993, p. 01; CULLEN, 1996, p. 414; REVELL, 2010, p. 01).

Ademais, algumas críticas recaem sobre o uso do termo e das epistemologias de gênero aplicados ao mundo antigo, posto que este não era um conceito utilizado pelos indivíduos na antiguidade. Apesar de esta ser uma verdade, pensar o mundo romano a partir das teorias feministas e de gênero auxilia na compreensão das relações empreendidas entre os indivíduos do período, bem como nas formas de se subjetivar destes (MONTSERRAT, 2000, p. 153-155).



No caso da antiguidade, houve exceções a essa regra, como é o caso do trabalho de Helen McClees, publicado em 1920 e denominado “*A study of women in Attic inscriptions*” (SPENCER-WOOD, 2006). A autora, apesar de não fazer parte de uma academia que contava com as discussões de gênero em desenvolvimento, foi pioneira ao coletar inscrições da região da Ática que mencionaram mulheres, com a intenção de conhecer sobre as suas vidas e posições em meio a sociedade do local (MCCLEES, 1920, p. 01). Entretanto, de acordo com Bélo (2018, p. 37), é apenas em 1968, quando Moses Finley publica o livro “Aspectos da Antiguidade”, que os debates sobre as mulheres antigas começarão a ser suscitados com mais afinco.

No capítulo denominado “As silenciosas mulheres de Roma”, o autor defende que as mulheres na antiguidade romana eram difíceis de ser conhecidas por conta da escassez de fontes produzidas por elas, ou que as abordasse de maneira mais direta (FINLEY, 1991, p. 150). O autor, ao ressaltar que apenas um leque limitado de fontes sobre as mulheres da antiguidade fora explorado, chamou a atenção para a diversidade de materiais antigos que poderiam ser utilizados para se ter conhecimento sobre as mulheres. Assim, é a partir dessa publicação, que surgiu em um momento de grande ação por parte das feministas e de diversos revisionismo nas ciências humanas, que um impulso aos trabalhos e pesquisas sobre a história das mulheres na antiguidade começa a se desenvolver. Novas fontes, em especial as arqueológicas, foram trazidas à tona, e novos métodos e teorias para a interpretação destas se desenvolveram, o que coloca em xeque a visão exposta por Finley de que as fontes para o estudo das mulheres eram de difícil acesso (BÉLO, 2018, p. 37).

Nesse sentido, com o avanço das pesquisas na linha teórica dos feminismos e do gênero, os classicistas observaram a necessidade de abrir espaço a debates mais plurais, que contavam não apenas com temáticas ampliadas, mas com fontes diversas para a construção do saber. As epistemologias feministas, quando começaram a dialogar com os clássicos, fizeram com que as publicações mais antigas fossem revisitadas sob um olhar que prezava pela pluralidade cultural e de identidades, e que mediante a isso, evidenciaram o papel e as vivências das mulheres nas sociedades antigas (RABINOWITZ, 1993, p. 06, 07; 11; SØRENSEN, 2000, p. 13).

A obra de Sarah Pomeroy publicada, em 1979, “*Goddesses, whores, wives and slaves: women in classical antiquity*”, também pode ser encarada como uma das pioneiras

nos estudos sobre as mulheres na antiguidade, além de ter fornecido bases para o maior reconhecimento do androcentrismo que permeia os estudos clássicos. O livro, que conta com inúmeros tópicos, os quais abarcam temáticas muito diversas, critica a falta de produções sobre o mundo antigo que falassem diretamente sobre as mulheres. Assim, discute aspectos das vidas das mulheres gregas e romanas de diferentes esferas sociais e elenca aspectos importantes sobre suas vidas.

Os vestígios da cidade de Pompeia formam um dos maiores *corpus* materiais do mundo antigo, tendo sido analisados sob os aportes de gênero por diversos historiadores, sendo alguns brasileiros pioneiros nesse tipo de abordagem. O professor Pedro Paulo Funari, da Universidade Estadual de Campinas, foi um dos primeiros a propor o diálogo entre o mundo antigo, as fontes materiais e as teorias de gênero no país, e desde então tem orientado diversas pesquisas na mesma linha. Destaco o trabalho de Lourdes Conde Feitosa, “Amor e sexualidade: o masculino e o feminino em grafites de Pompeia”, publicado em 2005. Além dele, há a dissertação de mestrado (As representações da sexualidade na iconografia pompeiana) e a tese de doutorado (A sexualidade no olhar: um estudo da iconografia pompeiana) de Marina Regis Cavicchioli, defendidas no ano de 2004 e 2009, respectivamente. Os trabalhos, desenvolvidos na Universidade Estadual de Campinas, permitem perceber que uma variedade de objetos que fazem parte da cultura material do mundo antigo, em especial a de Pompeia, fornece informações sobre as mulheres e as relações de gênero do local.

## **AS MULHERES NAS PINTURAS DE POMPEIA**

As pinturas de Pompeia tinham como função principal decorar as casas e os demais espaços de convivência dos habitantes da cidade. Entretanto, não devem ser tomadas como elementos decorativos isolados, pois faziam parte de todo um conjunto criado para um espaço com função social específica (FUNARI; CAVICCHIOLI, 2005, p. 114). Ademais, a escolha dos temas e das cenas a serem retratadas nos afrescos partiam das preferências de quem as encomendava e, na maioria dos casos, traziam ilustrações que dialogavam com os costumes, crenças e cotidianos dos habitantes da cidade. Por conta disso, existe a possibilidade de encontrar representações femininas que se assemelhavam ao dia a dia das mulheres, ou que ao menos projetavam algumas particularidades de seus meios de convivência.

Augusto Mau, em 1882, delineou uma divisão de quatro estilos pictóricos para as pinturas de Pompeia, sendo que essa classificação é utilizada até hoje para o estudo das artes da cidade e de Roma no geral. O primeiro dos estilos é denominado Estrutural (século III a I a.C.), no qual painéis de gesso eram pintados em relevo nas paredes, com o intuito de que se assemelhavam a blocos de mármore. O segundo estilo, chamado Arquitetônico (século I a.C.), trazia perspectivas com colunas e vistas campestres, que davam a falsa impressão de abertura para o ambiente externo. O estilo Ornamental (século I a.C. a I d.C.) apresenta abundância de representações de pessoas e de cenas mitológicas, com painéis centrais que contavam com riqueza de ornamentações. Por fim, o quarto estilo, denominado Fantástico (século I d.C.), é o mais encontrado em Pompeia e mescla características de todos os demais, com decoração exagerada, relevos em gesso, motivos mitológicos e paisagens de jardins (ALDRETE, 2004, p. 77; FUNARI; CAVICCHIOLI, 2005, p. 115-116). Cabe realizar uma ressalva de que, apesar da boa aceitação da divisão criada por Augusto Mau, é possível perceber que os estilos coexistiram em muitos momentos, o que gerou uma mescla de elementos ao longo do tempo. Ainda, os três últimos estilos são os que contêm maior quantidade de representações de figuras humanas e, devido a isso, as pinturas utilizadas neste artigo pertencem a eles.

Apesar de trabalharmos com a premissa de que as mulheres possuíam algum tipo de liberdade e exerciam funções diversas em meio à sociedade romana, suas vidas ainda estavam permeadas por bases patriarcais. Nesse sentido, as suas funções como mães, filhas e esposas, bem como de mantenedoras do lar, estavam presentes em seus cotidianos, sejam elas mulheres de classes mais ou menos abastadas (ALDRETE, 2004, p. 56; BEARD, 2008, p. 234). Todavia, as pinturas, assim como os demais elementos da cultura material de Pompeia, vêm sendo utilizados para fundamentar o questionamento de diversos consensos até então defendidos sobre a história da cidade e de seus habitantes. Dessa maneira, nos trazem relevantes informações sobre a posição das mulheres na antiguidade, que permitem compreender que os ideais comportamentais ditados pelo patriarcado nem sempre eram (ou deveriam ser) seguidos à risca (FUNARI, 1995, p. 189; ALDRETE, 2004, p. 58).

A começar pelas imagens que apresentam mulheres lendo ou escrevendo, as quais aparecem em Roma desde o século III a.C. (DÍAZ-ANDREU, 2019). No geral, essas

representações trazem mulheres segurando uma tabuinha e um estilete, instrumentos utilizados para a escrita. A imagem 1, uma das mais conhecidas quando se fala das pinturas de Pompeia, traz uma espécie de medalhão que retrata uma moça de classe alta, a julgar pelos adornos que possui, segurando uma tabuinha na mão esquerda e um estilete na mão direita, o qual leva à boca (FUNARI, 1995, p. 189; SANFELICE, 2011, p. 189). Tais tabuinhas eram feitas de madeira e recebiam uma camada de cera, onde o estilete sulcava as formas das letras, de modo que se criava um bloco de anotações ou caderno (ALDRETE, 2004, p. 64).



**FIGURA 1** – Mulher com estilete e tabuinha Pintura (parietal de Pompeia. Século I d.C. IV estilo de pintura pompeiana. Acervo do Museu Arqueológico Nacional de Nápoles. Inv. 9084. Fonte: MAIURI, 1953, p. 99-100;103).

Aldrete (2004, p. 56) afirma que esse nível de educação dado às mulheres, ligado à leitura, à escrita e à literatura, mudava muito de casa para casa, entretanto, conhecimento em excesso não era uma qualidade bem vista para as damas exemplares. Na contramão desse argumento, outros exemplos de mulheres representadas com estilos e tabuinhas aparecem em Pompéia e, em alguns casos, percebe-se que estas pertenciam a estratos sociais mais baixos. A imagem 2 apresenta duas meninas, sendo que a primeira leva um estilete à boca e segura uma tabuinha com uma das mãos, enquanto a que está logo atrás observa as suas ações. Ambas as figuras apresentam vestes mais simples e não levam joias ou outros tipos de adornos, de modo que é possível observar que elas pertenciam, muito provavelmente, a estratos sociais mais baixos.

Confirmando a existência de mulheres de classes menos abastadas que possuíam alfabetização, uma parcela de grafites sulcados nas paredes da cidade de Pompéia são assinados por mulheres. Os grafites eram inscrições realizadas por populares, como forma de expressar mensagens satíricas, de cunho amoroso, propagandístico ou político (FEITOSA, 2005, p. 36; FUNARI, 1995, p. 189). Dessa forma, é possível afirmar que as mulheres de diferentes classes poderiam possuir certo nível de erudição e letramento, o que questiona o senso comum de que as antigas não recebiam educação formal.



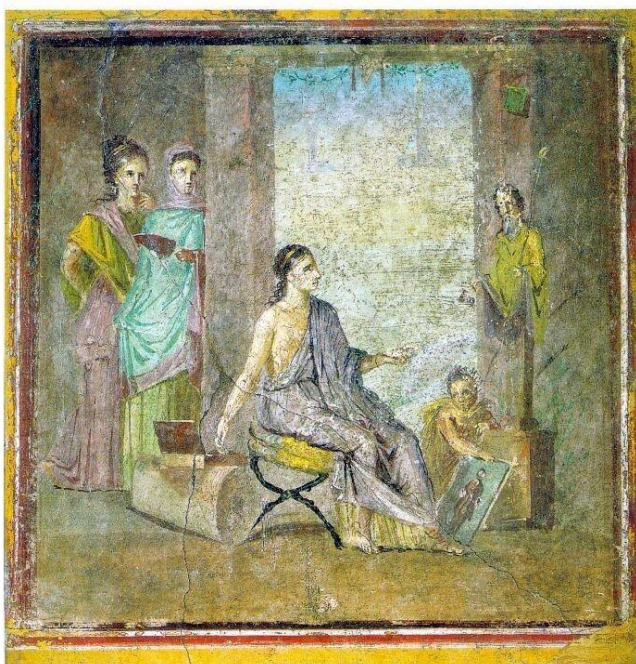
**FIGURA 2** – meninas com estilete e tabuinha (Pintura parietal de Pompéia. Século I d.C. IV estilo de pintura pompeiana. Acervo do Museu Arqueológico Nacional de Nápoles. Inv. 9074).

A imagem 3 apresenta três mulheres em uma sala, sendo que duas delas estão posicionadas no canto esquerdo da imagem, e observam com curiosidade a mulher que está sentada em um banco no centro do quadro. Essa figura chama atenção não apenas pela centralidade de sua representação, mas também pelo fato de realizar a pintura de uma escultura, identificada como sendo o deus Priapo.

Como afirma Pérola Sanfelice (2016, p. 197-199), os cultos a Priapo eram, em geral, relacionados à fertilidade, tendo em vista o seu grande falo. Além disso, é comum a afirmação de que a devoção ao deus era praticada por mulheres das classes sociais mais baixas, bem como por prostitutas e feiticeiras. Isso porque, o deus Priapo fazia parte dos cultos de mistério, também chamados de cultos orientais, uma vez que surgiram do contato com gregos e orientais e em Roma se reinventaram. Tais cultos não estavam relacionados

à religião oficial (*Religio*), e se caracterizavam como um compromisso religioso pessoal, mas que apesar disso não desvinculam as obrigações do indivíduo com a religião da comunidade. Nesse sentido, eram crenças tidas como secundárias, que não chegavam a se inserir em uma dinâmica maior, pois adentraram na cultura romana em momentos e localidades diferentes, não havendo homogeneidade na execução do culto (PARRA, 2010).

Na pintura da Casa do Cirurgião, entretanto, é uma mulher da elite que realiza a arte com o deus representado. Isso pode ser aferido pelas figuras das três mulheres, que levam vestes com várias composições de tecidos e estão representadas em uma sala com riqueza de decorações. Além disso, a casa pertencia a um cirurgião, uma pessoa abastada, e os habitantes do local, a julgar pela pintura, cultuavam o deus Priapo. Portanto, o afresco, além de trazer uma mulher com conhecimentos sobre pintura, também apresenta a dimensão de que as mulheres de diferentes classes eram envolvidas na devoção ao deus Priapo (SANFELICE, 2011, p. 189).



**FIGURA 3** – Mulher pintora (Pintura Parietal de Pompeia. Século I d.C. Casa do Cirurgião. Acervo do Museu Arqueológico Nacional de Nápoles. Inv. 9018. Fonte: SANFELICE, 2016, p. 198.)

Na mesma linha, o afresco da Vila dos Mistérios traz a representação das etapas do que se acredita ser um ritual de iniciação ao culto de mistérios dedicados ao deus Dioniso. Esse ritual tinha como objetivo conceder um papel ao iniciado no culto à deidade, por meio do qual se acreditava receber a salvação após a morte. O mural em questão ocupa todas as paredes de uma sala na Vila dos Mistérios, provavelmente um *triclinium*, no qual poderiam

ser realizadas as refeições da família, banquetes e até mesmo os cultos ao deus do vinho (SANFELICE, 2016, p. 146).

A pintura traz diversos elementos que permitem atestar a realização de um ritual de iniciação aos mistérios dionisiacos, como o casamento, a leitura de textos e a purificação. O próprio deus pode ser visualizado na parte central da cena (Imagem 4), deitado nos braços de Ariadne e ao lado de três sátiros (FUNARI, 1995, p. 190). Entretanto, uma das figuras de maior destaque é aquela que se encontra no final da composição de cenas, na parede oeste do ambiente, e que retrata a *domina*, a dona da casa (Imagem 5).



**FIGURA 4** – Mural com Dioniso ao centro, nos braços de Ariadne (Pintura da Vila dos Mistérios. Por volta de 80 a.C. II estilo de pintura pompeiana. *Triclinium* da Vila dos Mistérios)



**FIGURA 5** - *Domina* (Pintura parietal de Pompéia. Por volta de 80 a.C. II estilo de Pintura pompeiana. *Triclinium* da Vila dos mistérios).

A mulher, pertencente à aristocracia, apresenta uma postura austera e leva diversos adornos, como anéis e braceletes. Ademais, representa o ideal de matrona romana, que deveria ter o corpo todo coberto com suas vestes, bem como realizar o gesto que representa a *pudicitia*, modéstia, ao levar uma das mãos à lateral do rosto (ALDRETE, 2004, p. 57). O seu olhar está direcionado de tal forma que parece observar todas as cenas ocorridas anteriormente no ritual de iniciação. Isso pode indicar que ela esteja a realizar uma reflexão sobre a sua própria vida, ao relembrar a sua relação com o culto a Dioniso, que poderia levá-la à divinização ou à possibilidade de existência em outro plano após a morte. Nesse sentido, a imagem “resulta de seu caráter pessoal, da projeção da vida interior da *domina*, com sua memória, sentimentos, crenças e o que se exprime é [...] a convicção íntima dessa mulher de poder participar da eternidade e da felicidade da vida dos deuses” (FUNARI, 2001, p. 284-285).

Além das figuras femininas predominarem no ritual, o que coloca as mulheres em papel de destaque em meio às religiões de mistérios, o culto a Dioniso tem algumas particularidades. Uma delas é que este envolvia exercícios orgiásticos e consumo de vinho,



comportamentos que não eram bem vistos se praticados por mulheres. Nesse sentido, os rituais dionisiacos geram um processo libertador na vida das mulheres, que, durante alguns momentos, poderiam se ver livres dos ditames e comportamentos que a sociedade julgava adequados para elas. Devido a isso, o culto a Dioniso chegou a ser proibido durante a República romana, no ano de 186 a.C., sendo seus praticantes acusados de empreenderem desordens sexuais, além de afrontar os ideais de moralidade concebidos para as mulheres. Contudo, os cultos continuaram a ocorrer, mesmo que na ilegalidade, e ressurgiram com força no período imperial (SANFELICE, 2016, p. 158-159).

Portanto, os afrescos da Vila dos Mistérios e da mulher pintora demonstram a participação das mulheres em atividades religiosas relacionadas aos cultos de mistérios. Por se tratar de cultos secundários, não ligados à religião oficial, as celebrações poderiam se configurar como espaço de emancipação e realização pessoal dessas mulheres. Nesse sentido, tais representações explicitam a importância do desenvolvimento de uma religiosidade pessoal para a composição das identidades femininas, ao observarmos as particularidades dos cultos, dos deuses cultuados e de como as mulheres estavam envolvidas com estes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A cidade de Pompeia, ao ser redescoberta no século XVIII, após centenas de anos de soterramento causados pela erupção do vulcão Vesúvio, demonstrou ser um dos maiores sítios arqueológicos romanos ao qual temos acesso, além de contar com o maior acervo iconográfico do mundo antigo. Desde então, suas pinturas vêm sendo estudadas com o intuito de compreender quais eram as dinâmicas sociais, culturais e econômicas que permeavam a vida dos habitantes do local.

Em vista disso, nas últimas décadas percebe-se um esforço por parte de historiadores e arqueólogos no desenvolvimento de pesquisas que ressaltam a necessidade de nos atentarmos às relações de gênero, retirando assim a ideia de que este é um conceito que deve ser empregado apenas para o estudo das sociedades atuais. Portanto, temos hoje a tarefa de criar interpretações menos normativas acerca da antiguidade e expandir as possibilidades de pesquisa, tendo em conta que o passado antigo, durante

muito tempo, foi interpretado de acordo com enunciados entremeados por pontos de vista masculinos e de elite.

Os afrescos, enquanto fontes materiais, analisadas a partir de bases teórico-metodológicas que dialogam com as epistemologias de gênero, permitem que o leque de perspectivas sobre as mulheres romanas seja ampliado. Por meio das pinturas analisadas, pode-se constatar que as mulheres de diferentes classes de Pompeia, muito mais do que se dedicar aos afazeres domésticos e às atividades comumente atribuídas ao gênero feminino, puderam ter múltiplas experiências em meio à sociedade em questão. As fontes imagéticas representam as pompeianas envolvidas nos cultos à Priapo e Dioniso, os quais puderam gerar um processo libertador em suas vivências e personalidades e cediam espaços de liderança para essas no âmbito religioso. Além disso, constatamos a sua participação na esfera educacional, ao observar em algumas pinturas o uso de estiletos e tabuinhas pelas figuras femininas, materiais ligados à escrita. A oportunidade de alfabetização, inclusive, poderia propiciar a atuação dessas mulheres na gestão de negócios, bem como em outras atividades profissionais.

Nesse sentido, por meio das discussões apresentadas, pretendeu-se trazer à luz novas percepções e reflexões sobre as atividades desempenhadas pelas mulheres na antiguidade, bem como demonstrar como isso foi possível apenas após o reconhecimento da importância dos estudos de gênero para a compreensão do passado. Depois de décadas de desenvolvimento, as pesquisas que se utilizam das bases de gênero para ampliar o saber sobre as mulheres na antiguidade se mostram muito plurais e contemplam uma variedade de temáticas, personagens, localidades e temporalidades. Ademais, o foco das pesquisas deixa de ser apenas a história das mulheres e passa a se voltar aos mais diversos indivíduos, de modo a alargar as visões sobre os sujeitos, suas relações, subjetividades e vivências no mundo antigo, bem como as possibilidades de pesquisa.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao professor Pedro Paulo Funari, pelo incentivo constante, correções e ensinamentos compartilhados. Às professoras Lourdes Conde Feitosa e Marina Regis Cavicchioli, por contribuírem com as discussões aqui apresentadas por meio de suas produções e apontamentos. Agradeço à CAPES e à UNICAMP pelo apoio institucional e financeiro. A responsabilidade das ideias restringe-se à autora.

## REFERÊNCIAS

ALDRETE, Gregory S. *Daily life in the roman city: Rome, Pompeii and Ostia*. Westport: Greenwood Press, 2004.

BEARD, Mary. *The fires of Vesuvius: Pompeii lost and found*. Cambridge (Massachusetts): Harvard University Press, 2008.

BÉLO, Tais Pagoto. Os estudos de gênero na arqueologia. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu; CAMARGO, Vera Regina Toledo. *Divulgando o patrimônio arqueológico*. Rio de Janeiro: Bonecker, 2018, p. 31-42.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. A experiência vivida. 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BROWN, Shelby. *Feminist research in Archaeology: what does it mean? Why is it taking so long?* In: RABINOWITZ, Nancy Sorkin; RICHLIN, Amy. *Feminist Theory and the classics*. Londres: Routledge, 1993.

BROWN, Shelby. "Ways of seeing" women in antiquity: An introduction to feminism in classical archaeology and ancient art history. In: KOLOSKI-OSTROW, Ann Olga; LYONS, Claire (orgs.). *Naked Truths: Women, Sexuality and Gender in Classical Art and Archaeology*. Londres: Routledge, 1997, p. 12-42.

BRUMFIEL, Elizabeth M. *Methods in feminist gender archaeology: a feeling for difference – and likeness*. In: NELSON, Sarah Milledge. *Handbok of gender in Archaeology*. Berkeley: Altamira Press, 2006, p. 31-58.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAVICCHIOLI, Marina Regis. **As representações da sexualidade na iconografia pompeiana**. 2004. Dissertação (mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

CAVICCHIOLI, Marina Regis. **A sexualidade no olhar**: um estudo da iconografia pompeiana. 2009. Tese (doutorado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

CAVICCHIOLI, Marina Regis. A posição da mulher na Roma Antiga: do discurso acadêmico ao ato sexual. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu; FEITOSA, Lourdes Madalena Gazarini

Conde; SILVA, Glaydson José. **Amor, desejo e poder na Antiguidade**. Relações de Gênero e representações do feminino. São Paulo: Fap-Unifesp, 2014.

COLLIN, Françoise. Diferenças dos sexos (teorias da). In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Danièle. **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNIFESP, 2009, p. 59-66.

CULLEN, Tracey. *Contributions to feminism in archaeology*. **American Journal of Archaeology**, Boston, v. 100, n. 02, p. 409-414, abr. 1996. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/506907#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/506907#metadata_info_tab_contents). Acesso em: 29 dez. 2020.

DÍAZ-ANDREU, Margarita. **Arqueologia crítica e humanista**. São Paulo: Fonte Editorial/CNPQ, 2019.

FALCÓ MARTÍ, Ruth. **La arqueología del género: Espacios de mujeres, mujeres con espacio**. Valência: Universidad de Alicante/Centro de Estudios sobre la Mujer, 2003.

FEITOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. **Amor e sexualidade: o masculino e o feminino em grafites de Pompéia**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2005.

FEITOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. Teoria da História e questões de gênero na Antiguidade Clássica. In: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (Orgs.). **Narrar o passado, repensar a História**. Campinas, SP: UNICAMP/IFCH, 2014.

FINLEY, Moses Isaac. **Aspectos da Antiguidade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Romanas por elas mesmas. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 179-200, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1855/1976>. Acesso em: 15 out. 2020.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Resenha: SAURON, Gilles. *La Grande Fresque de la Villa des Mystères à Pompéi. Mémoires d'une Dévote de Dionysos*. **História Questões e Debates**, Curitiba, n. 34, p. 283-286, 2001. Disponível em: [https://www.academia.edu/4868644/Avila\\_dos\\_mist%C3%A9rios\\_em\\_Pompeia](https://www.academia.edu/4868644/Avila_dos_mist%C3%A9rios_em_Pompeia). Acesso em: 05 jan. 2021.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; SILVA, Glaydson José. **Teoria da História**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; GRILLO, José Geraldo da Costa. **Arqueologia clássica: o cotidiano de gregos e romanos**. Curitiba: Editora Prismas, 2015.

MAIURI, Amedeo. **La peinture romaine**. Suíça: Copyright, 1953.

MCCLEES, Helen. **A study of women in attic inscriptions**. Nova York: Columbia University Press, 1920.

MONTERRAT, Dominic. *Essay six: Reading gender in the Roman world*. In: HUSKINSON, Janet (Org.). **Experiencing Rome. Culture, identity and power in the Roman Empire**. Londres: Routledge, 2000.

PARRA, Amanda Giacon. **As religiões em Roma no Principado: Petrônio e Marcial (séculos I e II d.C.)**. 2010, 145 f. Dissertação (mestrado em História), Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP, Assis, 2010.

PERROT, Michelle. História (sexuação da). In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Danièle. **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNIFESP, 2009, p. 111-115.

POMEROY, Sarah. **Diosas, rameras, esposas y esclavas**. Mujeres en la antigüedad clásica. Tradução: Ricardo Lezcano Escudero. 3ª ed. Madrid: Akal, 1999.

RABINOWITZ, Nancy Sorkin. *Introduction*. In: RABINOWITZ, Nancy Sorkin; RICHLIN, Amy. **Feminist Theory and the classics**. Londres: Routledge, 1993.

REVELL, Louise. *Romanization: a feminist critique*. Moore, A., Taylor, G., Harris, E., Girdwood, P., and Shipley, L. (eds.). **TRAC 2009: Proceedings of the Nineteenth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference**. Oxford: Oxbow Books, 2010, p. 1-10.

SANFELICE, Pérola de Paula. Pinturas parietais em Pompéia: representações femininas. **Cadernos de Clio**, Curitiba, n. 2, p. 171-195, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/clio/article/viewFile/40481/24702>. Acesso em: 20 dez. 2020.

SANFELICE, Pérola de Paula. **Sob as cinzas do vulcão: representações da religiosidade e da sexualidade na cultura material de Pompéia durante o Império Romano**. 2016. 286 f. Tese (doutorado em História), Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

SCOTT, Joan Wallach. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 63-95.

SPENCER-WOOD, Suzanne M. *Feminist research in Classical Archaeology*. In: NELSON, Sarah Milledge (Org.). **Handbok of gender in Archaeology**. Berkeley: Altamira Press, 2006, p. 295-329.

SILVA, Jacilene Maria. **Feminismo na atualidade**: a formação da quarta onda. Recife: Independently published, 2019.

SØRENSEN, Marie Louise Stig. **Gender Archaeology**. Cambridge: Polity Press, 2000.

SØRENSEN, Marie Louise Stig. *Gender, things and material culture*. In: NELSON, Sarah Milledge. **Handbok of gender in Archaeology**. Berkeley: Altamira Press, 2006, p. 105-137.

ZARANKIN, Andrés. *El pensamiento moderno y el pensamiento pós-moderno en Arqueología*. In: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (Orgs.). **Narrar o passado, repensar a História**. Campinas, SP: UNICAMP/IFCH, 2014, p. 353-373.

Recebido em 24/01/2021

Aprovado em 13/05/2021